

QUANDO O VÍNCULO SE ROMPE
— *separação, divórcio e novo casamento* —

Esly Regina Carvalho

QUANDO O VÍNCULO SE ROMPE
— *separação, divórcio e novo casamento* —



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © 2000 by Esly Regina Carvalho

Projeto Gráfico:
Editora Ultimato

Capa:
Expressão Exata

1ª Edição:
Março de 2000

Revisão:
Elsie Bueno Cunha Gilbert
Bernadete Ribeiro
Délnia M. C. Bastos

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Carvalho, Esly Regina, 1955-

C331q
2000 Quando o vínculo se rompe ; separação, divórcio e novo
casamento / Esly Regina Carvalho. — Viçosa : Ultimato,
2000.

104p.

ISBN 85-86539-32-5

1. Separação (Psicologia). 2. Divórcio - Aspectos
religiosos. 3. Divórcio - Aspectos psicológicos. 4. Segundas
núpcias - Aspectos religiosos. 5. Segundas núpcias -
Aspectos psicológicos. 6. Ética cristã. I. Título.

CDD. 19.ed. 155.643

CDD. 20.ed. 155.643

2003

Publicado com autorização e com todos os direitos reservados

EDITORIA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa - MG

Telefone: (31) 3891-3149 - Fax: (31) 3891-1557

E-mail: ultimato@ultimato.com.br

www.ultimato.com.br

Ao Ken,
que me ensinou a amar de novo.

Levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem. Porque eis que passou o inverno, cessou a chuva e se foi; aparecem as flores na terra, chegou o tempo de cantarem as aves, e a voz da rola ouve-se em nossa terra. A figueira começou a dar seus figos, e as vides em flor exalam o seu aroma; levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem. Pomba minha, que andas pelas fendas dos penhascos, no esconderijo das rochas escarpadas, mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua voz, porque a tua voz é doce, e o teu rosto, amável. (Ct 2.10-14.)

AGRADECIMENTOS

A Selma Pessoa, que, quando editora da revista *Casal Feliz*, convidou-me a escrever sobre o tema deste livro.

A Annelize Edwards, companheira de oração, que atravessou comigo os últimos anos daquele casamento e os primeiros anos da separação, com amizade e oração.

Ao Pastor David Jones... não há palavras para expressar a gratidão que tenho ao homem que, pela primeira vez na vida, ensinou-me a ter confiança no gênero masculino. Aquelas reuniões de oração na igreja e suas palavras de consolo e sabedoria resgataram a minha vida da porta do próprio inferno em que eu vivia e me restauraram a esperança de viver de novo.

Ao Rev. Manoel Ferreira, pastor metodista que deixava os recadinhos na minha secretária eletrônica.

Ao Rev. Sérgio Marcus Pinto Lopes, que achou bom o que eu estava escrevendo e que valia a pena continuar.

A Ana Maria de Brito Almeida, que acompanhou o processo do luto, da dor, da convalescença e da vitória. Que bom que ela e o Francisco, estimados padrinhos de casamento, se alegraram comigo quando casei-me novamente!

Ao Osmar Ludovico da Silva, pastor que deu-me a primeira oportunidade de falar deste tema em público.

Aos amigos do CPPC, Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, que foram amigos de verdade na hora em que mais precisei deles.

Aos meus pais, Loamy, que muito ensinou-me sobre a misericórdia de Deus, sua graça e seu poder restaurador na vida das pessoas, e "Dona Zizi", que foi o apoio silencioso de todas as horas das experiências aqui descritas. Até hoje meus pacientes têm o privilégio de ouvir os ditados e expressões que ouvi dela a vida inteira e que passei também à Raquel. Alguns deles foram ouvidos de sua mãe, que ouviu de sua avó.

E especialmente à minha filha Raquel, que me permitiu contar a nossa história nestas páginas.

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução</i>	15
1. Solteira outra vez	17
2. Separação e divórcio	25
3. A dor do divórcio	33
4. A vida continua	37
5. E quando pinta a saudade?	43
6. Quando meu filho se divorcia	47
7. E os amigos, com quem ficam?	51
8. Divorciados, porém amigos. É possível?	55
9. É possível uma reconciliação?	59
10. Mulher, cristã, descasada	63
11. Sua lâmpada não se apaga	69
12. A igreja e o divórcio	71
13. Vamos casar de novo?	77
14. Deus, o "santo casamenteiro"	85
Apêndice: O divórcio, a lei e Jesus	93

PREFÁCIO

Conheci a psicodramista Esly Regina Carvalho no avião que levaria um grupo de brasileiros ao II Congresso Internacional de Evangelização Mundial (Lausanne II), realizado em Manila, capital das Filipinas, em julho de 1989. Naquela época, Esly tinha um consultório particular de psicoterapia em Brasília e era psicóloga da Fundação Hospitalar do Distrito Federal. Se alguém lhe perguntasse se era solteira ou casada, ela responderia: "Sou divorciada". Pouco tempo depois, Esly se mudou para Quito, no Equador, para trabalhar na Pastoral da Família, Mulheres e Crianças do Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI). Mais tarde, transferiu-se para La Paz, na Bolívia, onde ocupou o cargo de coordenadora da Eirene Internacional. A essa altura, se alguém lhe perguntasse se era solteira ou divorciada, ela responderia: "Sou casada". Atualmente, Esly mora com o segundo marido, Ken Grant, em Quito, Equador, e é coordenadora da Exodus América Latina, organização que coordena e credencia ministérios de ajuda a homossexuais.

O grande valor de *Quando o vínculo se rompe* está no fato de que os três delicadíssimos temas da separação, do divórcio e do

novo casamento são tratados por uma psicóloga temente a Deus, que passou por essa desagradável experiência. O livro leva em consideração a Palavra de Deus e a psicologia, mas não é nem frio nem teórico. De forma discreta, porém transparente, a autora mostra o quanto sofreu com a separação depois de um casamento de cinco anos e meio. Lembra que não há separação indolor: "Deixar de amar leva tempo, da mesma forma que para aprender a conviver levou tempo". Ela usa uma palavra dura para se referir ao problema: "A separação é um aborto que interrompe o processo natural do desenvolvimento da vida familiar".

Quando o vínculo se rompe não pretende facilitar a separação, o divórcio e o novo casamento. Para a autora, o divórcio "significa a perda de um dos projetos de vida mais importantes: o casamento". Repetidas vezes, ela afirma que "a separação tem o movimento inverso da intimidade", o que vale dizer: "o meu íntimo mais íntimo tem de virar um estranho". A separação dói porque antes era uma só carne e agora essa carne única é rasgada em dois pedaços.

Esly tem coragem de chamar de pecado o divórcio, porque a separação não é mesmo da vontade soberana de Deus. Ela cita o texto de Malaquias 2.16, no qual se lê que o Senhor odeia o repúdio, mas acrescenta, com acerto, que o mesmo Deus não odeia o divorciado. Para se curar de seu próprio drama, Esly precisou do perdão de Deus, perdão que nem sempre a igreja dá. Ora, o divórcio não é o único pecado que o crente comete nem é o pecado imperdoável de que fala a Bíblia. "A pessoa divorciada tem que ter rosto, nome e sobrenome, carne e osso. Não deve ser encarada como uma mera generalização, ou com uma pessoa de segunda classe, meio aparentada com os pagãos." O arrependimento e a certeza do perdão de Deus têm de anteceder um eventual novo casamento.

Esly não faz coro com aqueles que dizem levemente: "Se o casamento não der certo a gente sempre pode se separar..."

Quando o vínculo se rompe vem ao encontro de muitos que tiveram surpresas desagradáveis e estão profundamente feridos e, quem sabe, por algum tempo confusos. Trará bênçãos também à igreja que se sente responsável para não deixar bagunçar o casamento sem perder a noção da misericórdia divina.



Creio que, além de tudo, o livro de Esly Regina Carvalho, aquela mulher extrovertida e falante, que na viagem a Manila morria de saudades da filha Raquel, hoje com 18 anos, será de grande valor aos jovens casais. É bom que eles saibam que, na separação "o processo de desenvolvimento da intimidade tem de entrar em marcha a ré". Cuidados preventivos levados a sério podem impedir tamanha catástrofe.

Elben M. Lenz César
Viçosa (MG), março de 2000

INTRODUÇÃO

Parece que finalmente chegou a hora de “ajeitar” este livro. Venho escrevendo sobre o tema há muitos anos, mas sempre em artigos curtos, quase todos para a revista *Casal Feliz*, da JUMOC — Junta de Mocidade da Convenção Batista Brasileira. Certa vez, juntamos os artigos e publicamos em conjunto — logo se esgotou. Foi feito em espanhol. Agora juntamos tudo novamente, organizamos, reescrevemos algumas partes, adicionamos novos materiais e oferecemos a vocês, leitores, um trabalho que possa auxiliá-los a entender o processo de separação e divórcio e a ajudar os que passam por isso.

De quebra, estamos incluindo também uma parte sobre novo casamento e famílias reorganizadas. E, já que todo mundo sempre pergunta, resolvi contar a história de como eu voltei a me casar, porque isso merecia realmente um livro.

No apêndice, Walter Callison apresenta uma exegese bíblica sobre o divórcio, a lei e Jesus, com o propósito de reconsiderarmos a atitude da igreja em relação ao novo casamento.

Escrever de uma maneira franca, cristã e prudente sobre este tema não é fácil. Através dos anos recebi muita crítica e imagino que sempre haverá quem não concorde com o que estou compartilhando aqui. Por outro lado, espero que as pessoas que viveram e vivem essas situações possam se ver nas páginas deste livro de coração aberto e rasgado. E que, com o tempo e a graça de Deus, possam sarar e ser úteis no seu reino.

Eslly Regina Carvalho
Quito, Equador, janeiro de 2000

1.

SOLTEIRA OUTRA VEZ *A minha história*

Escrever sobre este assunto anos depois do meu divórcio deu-me a singular oportunidade de refletir sobre algumas das experiências por que passei no caminho à integridade, pelo qual Deus me conduziu. Foi um processo relativamente simples, mas decididamente nada fácil. Agora posso dizer, honestamente, que a vida dá muitas voltas inesperadas, mas podemos aprender a enfrentar estas surpresas como algo que nos faz crescer e, não, como algo que nos pode arrasar completamente.

A perda

Quando minha filha completou dois anos, meu casamento já vinha enfrentando graves problemas. Menos de um ano depois, havia acabado.

Foi uma época horrível na minha vida, um tempo de muitas perdas. Nunca havia parado para pensar em quanta coisa se perde com um divórcio, até que as perdas começaram a chegar. Perdi meu estado civil, meu marido (óbvio), sua filha de seu primei-

ro casamento, que tinha vindo morar conosco depois que a nossa filha nasceu. Nessa época ela tinha 12 anos e tornara-se uma pessoa muito significativa na minha vida. Tivemos de deixar a casa onde morávamos, a vizinhança e aqueles amigos que tinham andado conosco de tantas formas diferentes. Um mês depois que ele foi embora, descobri que estava grávida. Com esta descoberta, vieram um aborto espontâneo e todos os sentimentos conflitivos relacionados com tal experiência. Recusei-me a pensar em um aborto provocado e perdi o bebê antes mesmo de começar a me acostumar com a idéia da gravidez. Mesmo assim, caí num pranto quando vi minha melhor amiga usando as roupas de gravidez que eu lhe tinha dado meses antes... Até o cachorro morreu. Foi um tempo de morte... um tempo para morrer.

Eclesiastes fala de um tempo para viver e um tempo para morrer. Sem dúvida, este foi o meu tempo de morte. Muitas coisas morreram, mas muito mais morreu dentro de mim. Quando deixei o hospital depois do aborto, compreendi que o amor que eu tivera para com meu marido morrera com o bebê. Mortas também estavam minhas esperanças de uma reconciliação. Eu não queria mais que o casamento se recuperasse e me preparei para enfrentar a vida só.

Se houve um sentimento que me descrevia nessa época era ambivalência: um sentimento que eu tinha em relação a mim mesma, a meu esposo, a meus amigos, a minha igreja e, até mesmo, a Deus.

Naquela época, eu não tinha certeza se algum dia iria me sentir bem com a idéia de ser uma mulher divorciada. Não se tratava de um papel que eu tivesse a intenção de aprender e ia contra muito do que eu queria para mim, do que eu esperava da vida. Mas tive de admitir que, querendo ou não, a separação havia chegado para ficar. Por outro lado, a separação tinha também algo de muito positivo, pois proporcionava alívio. Nos últimos meses do casamento, eu tinha vivido com tanto medo, que sua ausência melhorava muito minha qualidade de vida. Era um alívio frágil, como uma pausa, mas eu via que talvez um dia pudesse se tornar uma paz permanente, em vez de uma trégua temporária.

Os meus sentimentos em relação ao meu marido também eram ambivalentes. Como podia odiar e temer a uma pessoa por quem havia sentido tanto amor? Havia prometido cuidar dele por toda a minha vida! Tive uma filha com este homem (uma experiência tão especial!) e agora ela também havia se tornado ponto de discórdia. Como podia ter tanta raiva dele? Mas eu sabia que ele ainda era muito importante para mim. Meus amigos bem intencionados às vezes me gozavam, dizendo que eu ainda o amava. No começo, eu negava veementemente. Com o tempo, resolvi assumir que era muito difícil arrancar, assim de golpe, alguém que havia sido tão importante na minha vida. Compreendi que o divórcio significava inverter a direção da intimidade: quando nos casamos, trabalhamos duro para desenvolver a nossa intimidade. Com a separação, eu teria de me esforçar para fazer dele um estranho outra vez.

Também senti ambivalência em relação aos meus amigos e à minha igreja. Eu sabia que precisava muito deles, mas também me dava conta de que tinha de arriscar sua rejeição para ganhar seu apoio.

Fui abençoada por pessoas muito especiais nessa época. Uma senhora cristã orava comigo todos os dias durante as difíceis semanas que enfrentei depois de tudo isso. Ela recebe da minha parte uma eterna gratidão por me ter ouvido e por suas orações. Tenho certeza que deve ter se cansado muitas vezes de ouvir a minha ladainha, mas agüentou firme e me apoiou muito durante o período em que precisei dela.

Outros também ajudaram. Um pastor me chamava a cada duas semanas e deixava um recadinho na secretária eletrônica. Queria simplesmente que eu soubesse que ele estava pensando em mim e que, se eu precisasse, era só chamá-lo. Lembro-me disto até hoje com gratidão.

Uma pequena igreja me aceitou sem me fazer perguntas indiscretas. Eu sabia que podia contar com eles e eles oravam por mim. O divórcio não mudou nada entre a gente. Agora me dou conta de que foi outra bênção.

As perdas haviam sido tremendas. Não era à toa que sentia que a minha energia andava a zero. Compreendi que estava tra-

balhando essas perdas. Muitas vezes, eu me permitia chorar quando parecia que não ia dar conta do recado. Não resolvia nada, mas eu me sentia melhor depois. Anos mais tarde, quando comecei a trabalhar na América Latina, treinando facilitadores em recuperação emocional diante de grandes catástrofes naturais (terremotos, guerras, inundações etc.) e as não-naturais, percebi que Deus havia guiado os meus passos no meu próprio processo. Intuitivamente (ou foi o Espírito Santo?) eu me tinha permitido sentir a imensidão das minhas perdas e fazer meu luto. Não acontecem enterros para os divórcios nem há outras maneiras socialmente aceitas de elaborar essa perda. Ao contrário, as pessoas cochicham às escondidas, como se houvesse algo vergonhoso no fato de outros se divorciarem. Chorar é parte do processo de recuperação. Percebi que meus pacientes que não choravam suas perdas demoravam muito mais tempo para se recuperar. Muitas vezes, era necessário encorajá-los para que chorassem.

Ainda tinha muito medo da rejeição. Não me envolvia com programas da igreja, ia a poucas reuniões, falava pouco, pensando que talvez assim pudesse passar despercebida e, quem sabe, ser aceita.

Mais que tudo, eu estava muito ambivalente em relação a Deus. Realmente não conseguia compreender como um Deus de amor, harmonia e reconciliação pudesse permitir que me acabasse o casamento. Achava que era responsabilidade de Deus manter a união. Fiquei chateada com Ele um bom tempo e, no entanto, eu precisava desesperadamente do seu Santo Espírito. Precisava de seu consolo, sabedoria, conforto e esperança. Deus era tudo para mim e em seus braços muitas vezes chorei até cair no sono.

Muitas pessoas haviam comentado que Deus as tinha ajudado a atravessar os momentos difíceis da vida. Agora era a minha vez de descobrir a verdade da presença de Deus. Havia muitas coisas que sentia incapaz de dar conta. Fazer coisas corriqueiras era um esforço terrível, especialmente em meio a uma depressão que não me largava. Mas encontrei a fidelidade de Deus de uma nova forma. O dinheiro sempre entrava. A carga de pacientes aumentava no consultório sem esforço da minha parte. E tínhamos paz em casa.

Passei um ano de luto. A vida estava sempre cinzenta. Ri pou-

co. Meu ex-marido e eu choramos ao telefone, no Natal, quando nos lembramos que o bebê deveria ter nascido por aqueles dias.

Finalmente, um dia a vida começou a recuperar suas cores.

Convalescença

Parte do processo de recuperação começou com o luto, mas de uma maneira tão vagarosa, que apenas consegui percebê-lo quando tinha terminado um pouco do luto.

Foi uma fase de cura, de "vamos dar a volta por cima". Era muito difícil remendar o que estava rasgado, resgatar o que era bom e jogar fora o que não prestava. Também tinha seus altos e baixos, mas coisas boas começaram a surgir da dor. Escutei a minha filha rir pela primeira vez em seis meses, aquela risada gostosa. Chorei ao me dar conta de quanto tempo fazia que ela não ria dessa maneira. Percebi que a neve de seu inverno também estava começando a derreter.

Nessa época, gastei muito tempo pensando, talvez mais ainda conversando. Fiz um pouco de terapia, o que me ajudou. Orava para que Deus me mudasse de forma a não repetir os mesmos erros. Tomei algumas gratas decisões muito significativas, cujas conseqüências se fazem notar até o dia de hoje. Decidi que eu e a Raquel éramos família: reorganizada, não tradicional, mas família. Teríamos um lar, não apenas uma casa. Deus seria o cabeça da casa, o pai, o marido. Li Provérbios 31 e Isaías 54, até que eu conseguisse recitá-los de cor.

Quem é que diz que apenas as mulheres casadas são "mulheres virtuosas"? Não acreditava que a virtude se derivava do meu estado civil. Então tentei escrever meu primeiro livro, mas tive de parar na metade devido às hemorragias internas. Havia sarado o suficiente para começar, mas não o suficiente para terminar.

Comecei a sair e fazer coisas interessantes. Iniciei meu mestrado. Por saber como sou exigente comigo mesma, me prometi começar, mas consciente de que eu poderia parar se não conseguisse terminar ou se a minha filha precisasse mais de mim que os livros. Acabou que os livros me faziam companhia nos

fins de semana que ela passava com o pai. Também ajudavam a aliviar a dor do quarto vazio. Ela tinha apenas quatro anos... Terminei três anos depois com uma tese sobre a estrutura da família.

Fiz novas amizades. Consegui manter algumas das minhas amizades "casadas", mas em geral tínhamos horários diferentes, moravam longe ou "estavam noutra". Alguns se afastaram de mim, mas a maioria das amizades perdeu o sentido. Outros tinham sido amigos "dele" para começo de conversa.

Descobri que eu tinha uma nova liberdade de ir e vir. Alguns dias me sentia mais "casada" que solteira. Por exemplo, quando tinha a minha filha comigo, ela precisava de alguém que cuidasse dela e eu não tinha com quem deixá-la depois da escola para continuar trabalhando. Mas, em outros momentos, sentia-me "solteira outra vez". Nunca havia imaginado que a solidão pudesse me fazer uma companhia agradável. Estar só não significava solidão necessariamente. Foi um tempo bom da minha vida, quando comecei a gostar da minha própria companhia, mas em doses homeopáticas. Não conseguia agüentá-la todo o tempo. Lia um livro, escutava aquela música de que eu gostava, comia quando tinha vontade, preparava meus trabalhos para a universidade ou dormia no meio da tarde (mais e mais de cansaço; cada vez menos depressão). Quando cansava de mim mesma, chamava uma amiga e dava uma volta.

A vida começou a desabrochar em novas cores.

Indo em frente

Também comecei a desabrochar em novas cores à medida que a vida despontava seu novo visual. Vestia vermelho, e não negro; verde "cheguei", e não mais o cinza morto. A vida começou a ficar interessante. Cada dia trazia novos desafios, e não simplesmente um novo capítulo de sobrevivência no "Manual da Vida". Vi que existia vida depois do divórcio.

O mais incrível foi que me dei conta de que era uma vida jóia. Sobreviver não era mais a questão. Talvez porque eu também fui me tornando uma pessoa mais interessante, acabei sendo convidada a fazer coisas que nunca havia feito antes. Vibrava com es-

ses novos desafios e transmitia esse entusiasmo. As pessoas, por sua vez, me lançavam novos desafios. Recebi meu primeiro convite para ensinar no exterior em outro idioma. Aceitei e a platéia me agüentou enquanto eu tropeçava no espanhol. Creio que foram pacientes comigo porque pensavam que eu tinha algo com que contribuir. Anos mais tarde, alguns daqueles estudantes pacientes formaram a primeira associação de psicodrama no Equador.

Mandaram-me à Nicarágua em janeiro de 1989. Meu coração voltou despedaçado com a dor da guerra e o estrago do furacão Juana. Chorei com as mães que tinham perdido seus filhos defendendo a pátria. Sentia-me reverentemente humilhada pelas orações que abençoavam a comida que compartilhávamos. Verdadeiramente foram almoços santos. Essa gente agradecia de verdade a refeição que tinham, sem saber de onde viria a próxima. Apaixonei-me por eles. Na geografia do meu coração, você vai encontrar um lugar especial para os "nicas".

Ironicamente, descobri que me encontrava especialmente equipada para ensinar a recuperação emocional. Eu sabia que tinha saída, eu tinha vencido as minhas perdas.

Os outros filhos que não tive tornaram-se novos empreendimentos. "Reproduzia" por meio de livros e artigos que comecei a escrever. No começo foi devagar, depois, com mais confiança. "Dei à luz" novas vidas no consultório. Compreendi que as pessoas melhoravam também porque eu acreditava profundamente que elas poderiam sair de suas crises. E eu podia crer nisso porque enfim a primavera viera golpear a minha porta.

No começo do período da convalescença, estava sempre pensando em quando voltaria a me casar. Cada nova pessoa (leia-se: os homens da raça humana) que entrava na minha vida era olhada como um príncipe encantado em potencial. À medida que fui sarando, me dei conta de que isso era pura bobagem. Eu não poderia depender da existência de uma outra pessoa na minha vida para que ela tivesse sentido. E se o príncipe nunca chegasse? E se eu gastasse a minha vida inteira marcando passo, "esperando Godot"? Uma vez que resolvi essa questão, eu tinha a liberdade de fazer amizade com todos. Na verdade, a vida foi se transformando em algo cada vez mais interessante. Cheguei a

duvidar que um relacionamento pudesse enriquecer ainda mais a minha vida. Eu me mantive aberta à possibilidade de um novo amor (evitando a conhecida armadilha de que "todos os homens são iguais e que não se pode confiar em nenhum deles"), mas parei de persegui-lo. Foi um grande passo.

Lembrei-me que Deus me havia chamado ao ministério da reconciliação quando eu tinha apenas 17 anos. Deus é fiel e fez com que esse ministério se tornasse frutífero nestes anos, desde o meu divórcio. A vida nunca tinha sido melhor. Na verdade, nunca poderia ter imaginado que ela pudesse ser tão boa sem o casamento. Tive a oportunidade de viajar pela América Latina e aprender um novo idioma. Fiz novos amigos de hábitos e costumes diferentes. Fui levada ao íntimo do coração do povo que habita meu continente. Que privilégio! Fui amada, apreciada e reconhecida por causa de meus esforços. Fui também criticada e recebi algumas pedradas, mas descobri que também posso agüentar isso. Ainda mais, aprendi a amar os outros de um modo melhor e compreender uma nova dimensão da misericórdia de Deus.

Agora que a tristeza não nos mantém caladas, minha filha e eu somos mais amigas. Não há nenhuma vergonha em ser uma família reorganizada. Somos apenas "diferentes". Deus está sempre presente em nossas vidas. Para Ele nos voltamos porque há uma nova relação de confiança. Quando recebemos o convite para morar no Equador, a minha filha aceitou o desafio comigo. Por que não? Havíamos superado situações ainda mais difíceis que esta juntas.

Meu relacionamento com Deus se aprofundou. Confio nele num outro nível. As coisas não precisam sair do jeito que eu quero para que eu mantenha a minha amizade com Deus. Comecei a escrever um novo livro, de poemas. Desta vez, sei que serei capaz de concluí-lo.

Finalmente, percebo que Paulo tinha razão: quando estamos fracos aí é que somos fortes. Minhas maiores forças e bênçãos vieram das minhas maiores fraquezas e angústias. Ou, como disse Ernest Hemmingway: "a vida nos rompe a todos... mas alguns se tornam fortes nos seus lugares quebrados". Deus me fortaleceu nos meus lugares quebrados.

É POSSÍVEL UMA RECONCILIAÇÃO? 25

Nota:

Publicado originalmente em *Single Women: Affirming our Spiritual Journeys* (EUA: Bergin & Garvey, 1993).